

# Escavação de uma unidade de processamento de berbigão, na estação romana do Cerro da Vila, Loulé

A. M. DIAS DIOGO

Casa da Cu	MUSEU do Traje	Centro de
S. B.	São Brás de Alportel	Documentação
366 Biblioteca		
Inv. N.º	366	Cota N.º 37

# Escavação de uma unidade de processamento de berbigão, na estação romana do Cerro da Vila, Loulé

A. M. DIAS DIOGO

**R E S U M O** Publicam-se os resultados da escavação de uma possível unidade de processamento de berbigão no Cerro da Vila.

**A B S T R A C T** This article summarizes the results from the excavation of a possible cockle-processing factory in the Roman settlement of Cerro da Vila.

## 1. Introdução

Entre os anos 1987 e 1990 tivemos a oportunidade — a convite do Sr. Dr. José Luis de Matos, então responsável científico pela estação arqueológica — de proceder à marcação, catalogação e estudo das ânforas e sigillatas provenientes das escavações do Cerro da Vila (Quarteira, Loulé). Esse trabalho, embora ainda se encontre inédito, mas de que foi entregue um "relatório preliminar" assim como as fichas de catalogação ao responsável pela estação, permitiu-nos elaborar um ensaio sobre as definições e os ritmos das importações registáveis a partir dos referidos vestígios cerâmicos. Complementarmente, e dada a inexistência de registos estratigráficos dos materiais ou da sua contextualização face às estruturas descobertas, procurámos através de observações no terreno e da análise de fotografias aéreas, caracterizar as várias fases ocupacionais romanas do Cerro da Vila e articulá-las com a periodização das importações. No nosso entendimento, esta estação foi na sua fase final um pequeno aglomerado portuário, com uma *villa* fortificada, com duas torres edificadas a Sul da primitiva *villa* peristilada. A torre Sudoeste, estruturada com um pequeno criptopórtico para armazenamento de víveres, poderá ter sido uma "torre-farol", para além de uma "torre de vigia", situando-se junto ao porto da localidade<sup>1</sup>.

Ainda a convite do Dr. José Luis de Matos e subsidiados pela empresa "Lusotur-Vilamoura", iniciámos em 1990 um projecto de escavações programadas a efectuar nas áreas industriais e portuárias do povoado. Desse projecto apenas foi possível efectuar a primeira campanha, que é agora objecto desta publicação.

## 2. A escavação

Escolhemos para início das escavações uma construção com vestígios de dois tanques, aparentando pertencer a uma fabriqueta de transformação de pescado, situada a Este das estruturas urbanas conhecidas, já parcialmente escavada nos inícios das intervenções no Cerro da Vila, segundo uma metodologia então muito em uso no nosso país, que consistia em abrir valas seguindo os muros de forma a obter rapidamente as plantas dos arqueossítios. Esta campanha decorreu entre 28 de Agosto e 8 de Setembro de 1990, tendo sido efectuada na quadrícula N1, um quadrado com oito metros de lado, pertencente à grelha já implantada na estação e situado imediatamente a Oeste dos tanques, que foram limpos e registados, conjuntamente com as restantes estruturas a eles associados e também já anteriormente escavadas.

A estratigrafia observada foi muito simples, resumindo-se a duas camadas que cobriam toda a área ainda não escavada da quadrícula. A primeira, de terra castanha-escura, pouco compacta, tinha uma disposição sensivelmente horizontal, atingindo a espessura máxima de 30 cm. A segunda, de tonalidade castanho-amarelada, muito compacta, encontrava-se sob a primeira e apenas foi integralmente escavada na área nordeste da quadrícula, onde atingia 26 cm. de altura, cobrindo o pavimento em *opus signinum* da estrutura e englobando uma grande bolsa de conchas de berbigão – *Cerastoderma edule* (Linné). Apresentava ainda abundantes fragmentos de *tegulae*. Uma terceira camada, de terra castanha-escura, solta, sem relevância arqueológica, preenchia conjuntamente com pedras soltas, a vala aberta nos anos sessenta sobre o embasamento do grande muro Sudoeste/Nordeste.

Durante a limpeza superficial da estrutura, recuperamos um fragmento de boca e parede de taça em Terra Sigillata Sudgálica, de La Graufesenque, forma Dragendorff 27c, com uma cronologia de c. 80 a 120 e um fragmento de *later* de pasta amarelada, fina e branda, com a marca FLO em relevo (n.º 11), inscrita numa cartela rectangular, profundamente impressa (15 x 38 mm.).

A grande maioria do material estudável é proveniente da 1ª camada. O fragmento n.º 1 pertence a um prato largo em T.S. Clara C, de forma Hayes 48 A, datável de 200/250. O n.º 3 pertence a um *dolium* de lábio introvertido, espessado e ovalado, com a pasta bege-alaranjada, dura, compacta e arenosa, de pequeno grão. O n.º 6 é um fragmento de boca e parede de prato largo em T.S. Clara D, forma Hayes 61 A, datável de 325 a 400. O n.º 7 inscreve-se nas denominadas "Cerâmicas Africanas de Cozinha", trata-se de um tacho de forma Lamboglia 10 A, com cronologia de 150/220. O n.º 8 pertence a uma taça de T.S. Clara C, forma Hayes 73, datável de 380 a 480. O n.º 9 é de uma taça de forma Hayes 99, em T.S. Clara D, de cronologia compreendida entre 530 e 620. O fragmento de boca e parede n.º 10 pertence a um prato "Late Roman C", de forma 3F, datado de 500/600. Os fragmentos n.ºs 12 e 13 são de *tegulae* de bordo triangular de tonalidades bege-amareladas ou rosadas, porosas e com abundantes pequenas areias.

Proveniente da 2ª camada é o fragmento de boca e parede de almofariz (n.º 2), de lábio em aba larga e oblíqua e pasta de tonalidades variando entre o rosa e o alaranjado, com cerne amarelado, porosa, com abundantes pequenas fendas e alvéolos e pequenas areias, revestido de um engobe creme-amarelado.

Por fim, sob os muretes da conduta, encontramos um fragmento de boca de taça Dragendorff 37 em Terra Sigillata Hispânica, de pequeno lábio perolado, que deverá ter uma datação dos finais do século I aos meados do II.

### 3. Discussão

Embora a escavação tenha sido muito limitada, tanto em tempo como na área interveniada, é-nos possível elaborar algumas hipóteses. Com a orientação de SW/NE, esta construção aparenta ser constituída por dois rectângulos adjacentes. O maior tinha o pavimento em *opus signinum*, estruturado em "meia-cana" na sua articulação com os muros, e seria uma sala de trabalho com cerca de 4,80 m de largura interna, tomando como seu limite os vestígios do muro que nos surgiram no canto NW da quadrícula. O menor foi acoplado junto ao canto SE da grande sala, tem as dimensões de 4,10 x 2,60 m, incorporando dois tanques, ambos revestidos de *opus signinum* estruturado em "meia-cana" ao longo dos ângulos das suas paredes. O tanque maior, a norte, tem uma planta rectangular com as dimensões de 2,08 x 0,70 m. Tratava-se de um tanque de lavagem, dada a existência de um ralo no seu lado NE, que permitia o escoamento das águas tanto para o exterior da estrutura, como para a "sala de trabalho", através de uma conduta rectangular bifurcada, construída com fragmentos de *lateres*. O segundo tanque, de planta sensivelmente semicircular e com cerca de 70 cm. na sua largura máxima, seria um tanque de processamento, dada a inexistência de qualquer sistema de escoamento.

Tendo em conta o aparelho dos muros, a sua largura, a existência de contrafortes e a grande quantidade de fragmentos de telhas encontradas, este complexo deveria ser telhado.

A existência destes dois tipos de tanques na mesma estrutura, com a funcionalidade complementar de lavagem e processamento, associada ao achado de uma importante bolsa de conchas de berbigão, permite-nos formular a hipótese de estarmos em presença de uma unidade de processamento de bivalves, aqui já tratados em moldes industriais. O estado de conservação do complexo, a sua localização no povoado, assim como a cronologia genérica dos materiais aí encontrados, apontam para que tenha laborado numa fase tardia da ocupação romana do Cerro da Vila.

Quadro das dimensões dos atributos dos fragmentos

N.º	Bordo		Corpo Esp.	
	Did.	Altu.		
1	380	15	39	
2	360	19	29	
3	338	8	28	
4	-	5	5	
5	160	3	3	
6	-	7	11	
7	210	5	6	
8	190	11	7	
9	166	15	8	
10	-	18	14	
11	-	-	-	55
12	-	54	49	18
13	-	45	42	25

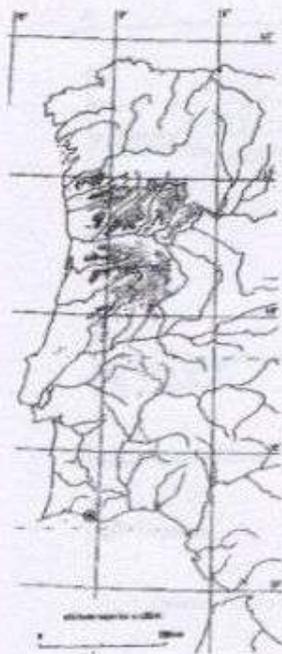


Fig. 1 Mapa de localização geral do Cerro da Vila.

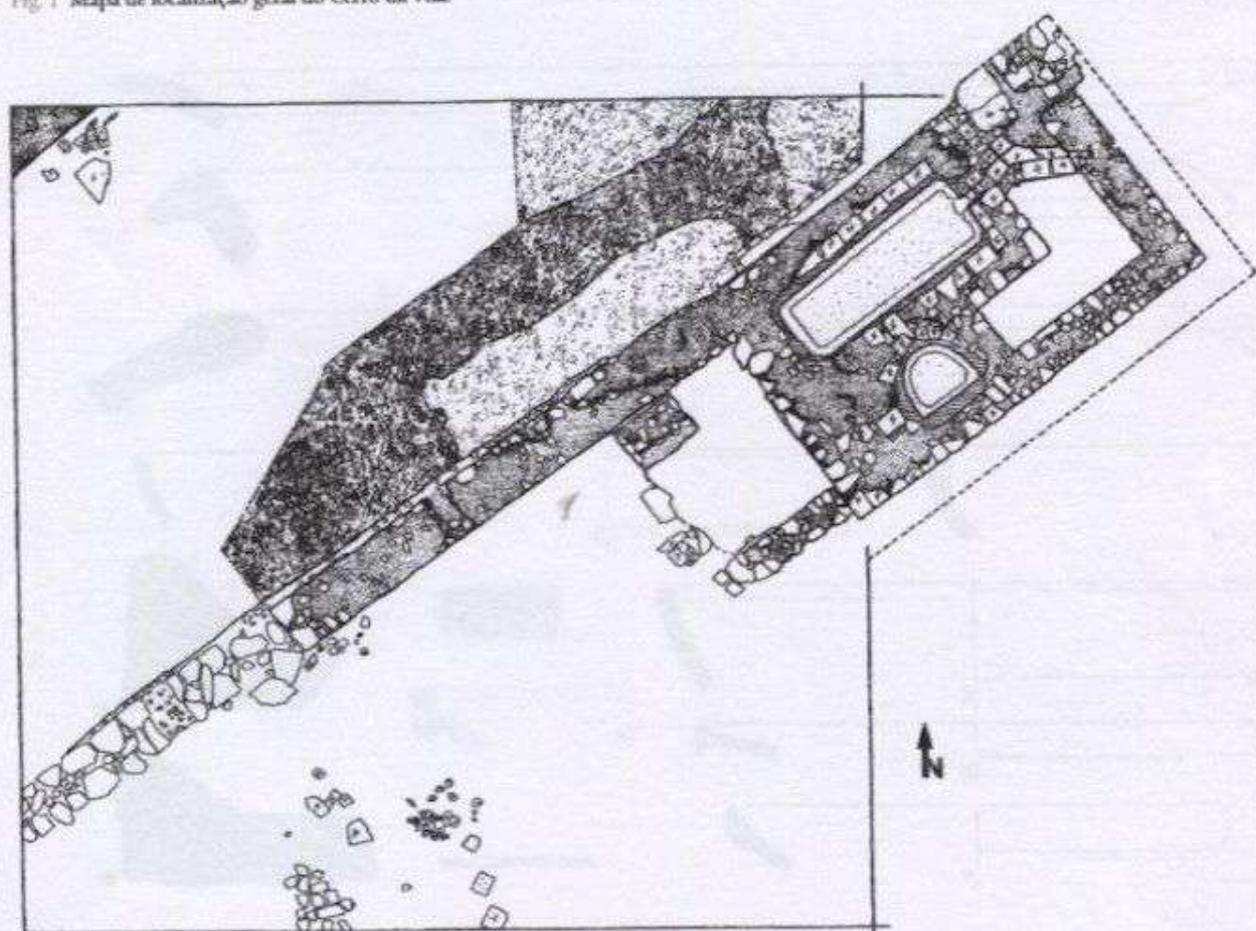


Fig. 2 Planta da área escavada.

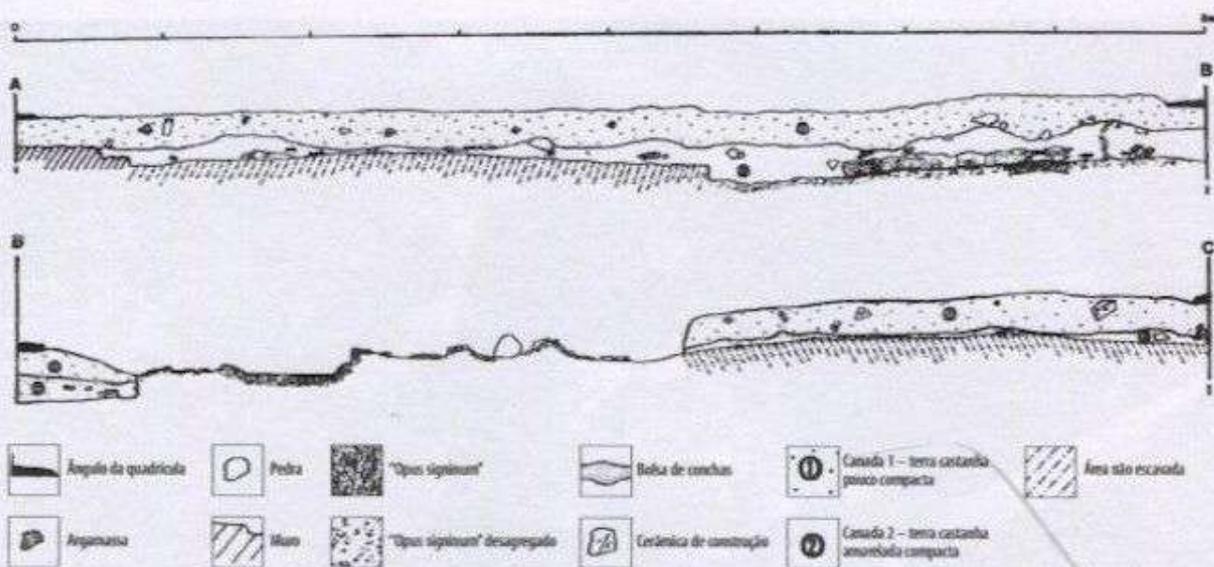


Fig. 3. Desenhos dos cortes Norte e Este.

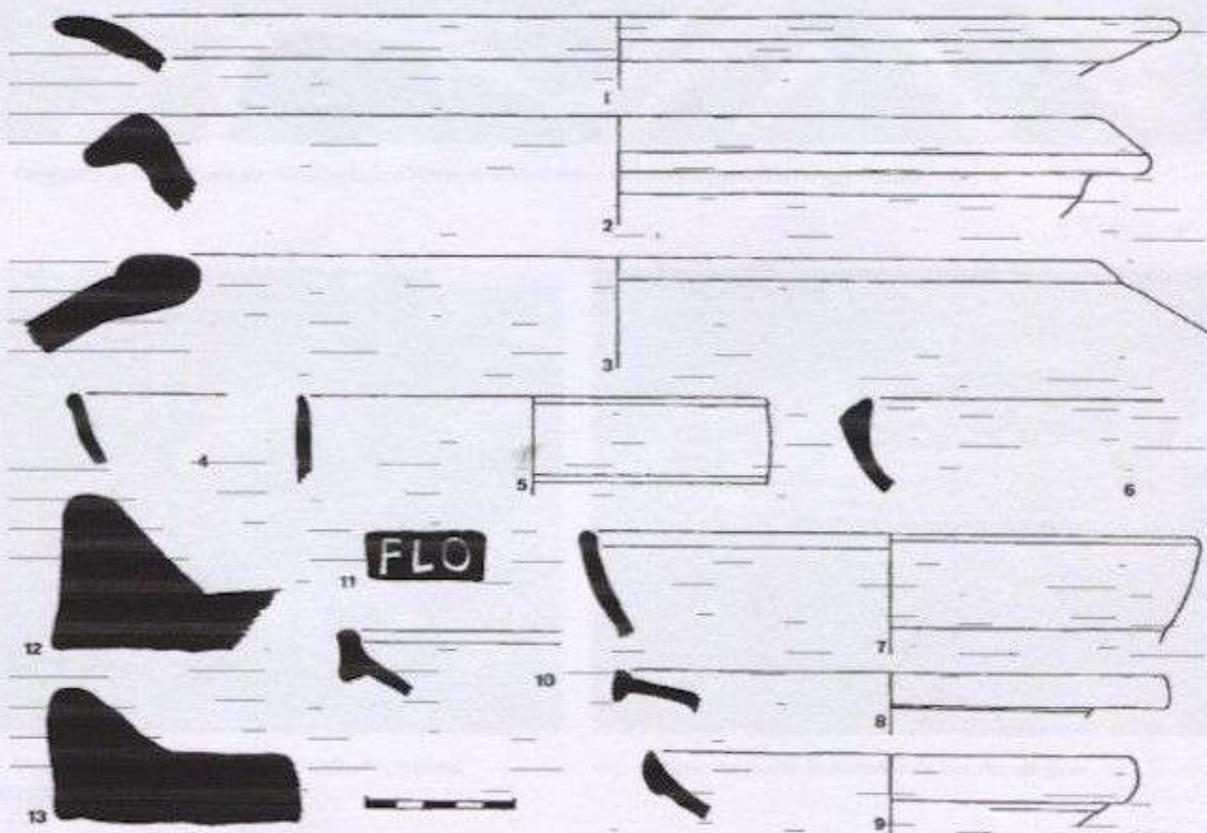


Fig. 4. Cerâmicas provenientes da escavação.



Fig. 5 Fotografia aérea do Cerro da Vila orientada a Norte. A Oeste é detectável a zona portuária do aglomerado.



Fig. 6 Vista geral da estrutura, tirada de Sudoeste, no final da campanha de escavação.



Fig. 7 Particular tirado de Noroeste da área dos tanques.

---

NOTAS

- <sup>1</sup> Conclusões apresentadas no Relatório de Setembro de 1988 e tomadas públicas durante a visita efectuada ao Cerro da Vila, no âmbito do I Colóquio Arqueologia Hoje, organizado em Faro pela Univ. do Algarve, em Fevereiro de 1989.